

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA

Ednaldo da Silva Alves

eklesia@bol.com.br UEPB/CH

Rita de Cássia Rodrigues dos Santos

ritadecassiagba@hotmail.com UEPB/CH

Palavras-chave: histórias em quadrinhos – documento – imagem

A história é uma construção de um saber sobre o passado partindo do presente. Para uma construção, são necessários elementos que possibilitem a fundamentação e armação do edifício. Para a construção do passado, ou reconstrução, na visão dos positivistas, tanto a base quanto a armação, era composto tão somente de documentos, estes que se resumem num conceito que se refere apenas aos textos, como bem afirma Le Goff (1996, p.539): “Com a escola positivista, o documento triunfa. O seu triunfo,... coincide com o do texto. A partir de então, todo o historiador que trate de historiografia ou do ofício de historiador recordará que é indispensável o recurso do documento.”

A idéia de reconstrução do passado tal como era, foi concebida pelo o ilusório da certeza absoluta que os historiadores depositavam nos documentos. Dessa concepção, procedem várias incoerências na apreensão, análise e interpretação dos documentos escritos. Quanto a isso, por exemplo, podemos citar a falta de certos interesses na análise dos documentos tais como a procedência dos documentos e a contextualização dos mesmos, no que tange a entender que os documentos não são a verdade propriamente dita, e que seu conteúdo seja inquestionável, como explica Carr (1996, p.58): “...os fatos da história nunca chegam a nós “puros”, desde que eles não existem nem podem existir numa forma pura: eles são sempre retratados através da mente do registrador.”

A escola positivista, tinha os documentos como o real e incontestável testemunho do que foi o passado, chegando a essa conclusão com a leitura deles, sem observar considerações que posteriormente foi uma das bases do movimento dos Annales. O entendimento de mensagens a serem lidas no documento, além do texto, era algo que faltava na óptica e no método dos positivistas. Considerações estas, que se tornaram importantes, quanto, a leitura dos documentos, mostra questões tais como a composição dos mesmos e sua preservação até o tempo presente, como bem explica Le Goff (1996, p. 535):

“De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelas que dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.”

Os documentos, a base máxima da construção do passado para os positivistas, são questionados por mostrarem certas falhas na leitura e interpretação dessas fontes, os textos, tão correntes em meados do século XIX até meados do século XX. O que se torna outra incoerência em limitar o conceito de documento apenas aos textos. No entanto, os próprios positivistas sentiam o limite desta definição, tão bem explícita nas palavras de Fustel de Coulanges (1901, p. 245) *apud* Le Goff (1996, p. 539): “Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história.”

Com os *Annales*, e o surgimento de uma história nova, sente-se a necessidade de ampliar o conceito de documento, que já não dava mais para se resumir aos textos, pois a multiplicidade da nova visão historiográfica, também multiplicou suas fontes, e então o conceito de documento toma uma abrangência maior, como afirma Samaran (1961, p. XXII) *apud* Le Goff (1996, p. 540): “Há que tomar a palavra “documento” no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou qualquer outra maneira.”. Ou seja, o que o homem produziu, pode ser um documento, que por sua vez, pode ser lido e usado para um saber historiográfico sobre o passado.

O uso de imagens entre historiadores, é algo recente, mas já bem conceitualizado. As imagens produzidas em determinadas épocas, podem nos fornecer informações importantes como vestuários, hábitos alimentares, costumes, religiosidade e uma gama de dados que podem ajudar a entender certos movimentos. As imagens são lidas e interpretadas através de uma análise detalhada conhecida como iconografia, um procedimento recente de leitura de imagens, como bem resume Paiva (2002, p. 17): “A iconografia é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada.”.

A força da imagem é algo que se pode ver atualmente acentuada no campo da publicidade. Principalmente depois de serem divulgadas pesquisas que mostraram que a compreensão e assimilação de idéia sejam rápidas e permanentes pela absorção de imagens. Essa prática era muito comum desde tempos remotos, onde as imagens eram utilizadas para ensinar, sinalizar e até moldar conceitos entre as pessoas, sobre o assunto comenta Burke (2001, p. 17): “embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas.” Podemos citar como

exemplo, a utilização de imagens usadas no final da idade antiga e por toda idade média, pela Igreja Católica, para a doutrinação das pessoas, que eram em sua maioria analfabetos, imagens estas que levavam o homem a ponderar sobre suas atitudes e a que resultados elas os levariam, se fossem justos, e sobre tudo fiéis a Igreja, alcançariam o paraíso, retratado como sendo um lugar lindo e cheio de anjinhos, ou seus maus procedimentos os levariam para o inferno, lugar comumente retratado sendo um lugar de agonia com várias pessoas pegando fogo. A idéia da devoção aos santos, ainda hoje é forte em vários lugares por causa das imagens, que foram elaboradas para instigar certos sentimentos nos seus devotos observadores. A idéia que o povo precisava vê para crer foi usada não somente por vários papas, mas por regentes que além de querer uma união religiosa em suas posses, usavam tanto as imagens quanto a religião para consolidação e ampliação de poder. Até o movimento de Reforma também se utilizou das imagens para desmistificar as idéias da Igreja Romana, sendo uma delas a mais conhecida, a imagem de um peregrino e seu fardo que representava o pecado.

Conhecemos recentemente a propaganda nazista que se utilizava de símbolos e imagens de seu líder, com o intuito de propagação de idéias tais como a hegemonia da raça ariana na imagem de uma marreta, e a inferioridade de outros povos, como os judeus, sendo representados por uma bigorna. Essa utilização das imagens teve seu sucesso, pois foram idéias bem assimiladas e aceitas pelo povo alemão, antes e durante a Segunda Grande Guerra (1939 – 1945).

Com a influência das imagens sobre nossas vidas, mudamos nosso comportamento e fazemos história, isso fica bem explicado no texto de Paiva (2002, p. 26):

“O imaginário não é, como se poderia pensar, um mundo à parte da realidade histórica, uma espécie de nuvens carregadas de imagens e de representações que pairam sobre nossas cabeças, mas que não fazem parte de nosso mundo e de nossas vidas. Ao contrário, esse campo icônico e figurativo influencia, diretamente, nossos julgamentos; nossas formas de viver; de trabalhar; de morar; de nos vestirmos; de nos alimentarmos; de compararmos as coisas; de nos medicarmos; de expressarmos nossas crenças, sejam elas religiosas, políticas ou morais; de nos organizarmos em nosso cotidiano; de escolhermos nossas atividades e profissões; de construirmos nossas práticas culturais e de novamente representarmos o mundo em que vivemos, em toda sua diversidade e complexidade.”

O estudo das imagens é um campo vasto que pode ser observado nas várias facetas da arte, seja ela uma pintura, uma foto, um filme, ou até mesmo um desenho. Já é sabido como o comércio se utiliza desses veículos de comunicação para venderem seus produtos e suas idéias.

A imagem mostra a sua força como fonte de memória, de ensino, e, agora graças aos historiadores, como registro histórico. E independente de seu teor artístico, como aludi Burke, qualquer imagem pode servir como evidência histórica.

Sob essa premissa, escolhemos um ramo da arte para uma análise de como as imagens podem influenciar, as histórias em quadrinhos. Se as imagens moldaram e influenciaram culturas passadas, o que dirá nos dias de hoje, onde os noticiários resumem o texto, deixando a imagem falar mais aos seus leitores e espectadores, ou a utilização de celebridades para dar crédito a algum objeto ou forma de viver. É sobre essa influência e sua aceitação como evidência histórica que queremos abordar nesta análise. Atualmente no campo da arte, tem se desenvolvido um comércio bastante chamativo e lucrativo, principalmente pelo seu raio de alcance entre as pessoas. Estamos falando das histórias em quadrinhos, nem parece, mas está em quase todo lugar. Em casa, no trabalho, na escola, na rua, na internet, nos jornais, revistas, livros. Enfim, está em quase todo lugar. Foi e tem sido uma força dentro da cultura pop contemporânea responsável pela formação cultural e ideológica de milhares de pessoas em várias gerações. Afinal, o que é isso? Estamos falando das histórias em quadrinhos. Sim, gibi, *comics*, banda desenhada, *fumetti*, revistinha em quadrinho, *mangá* ou como você queira chamar. Quem nunca leu um gibi? Hoje em dia não é raro ver não apenas crianças e jovens lendo quadrinhos, mas até adultos e idosos se debruçando sobre uma revista em quadrinhos.

E por que falar sobre quadrinhos? Primeiro porque é uma manifestação cultural do homem, que mostra características bem definidas de determinados períodos da História. Onde a realidade se mistura com a ficção, e a ficção usada para moldar a realidade, misturados bem para formar ideologias, costumes e levar informação. Perceber nas histórias em quadrinhos, como um documento, uma evidência histórica, sendo analisado para ajudar a remontar recortes temporais e auxiliar entender certos movimentos da sociedade que respingaram na criação de quadrinhos da época. Além de perceber o quadrinho como registro histórico, vamos entender sua importância no passado e no presente, no que se refere à formação de uma sociedade.

Com seus mais variados gêneros, os quadrinhos alcançam atualmente um público cada vez maior e diversificado. As vendas relacionadas a esse segmento, chegam a surpreendentes seis milhões e meio de exemplares vendidos em apenas uma semana, se tornando numa indústria internacional bastante lucrativa.

Apesar de todo esse poder intelectual e financeiro, ainda hoje os quadrinhos sofrem certos preconceitos. Preconceitos esses que não conseguiram apagar ou retardar o refinamento desta que hoje é conhecida como a **nona arte**.

Como vimos anteriormente, as histórias em quadrinhos podem ser chamadas de vários nomes. Aqui no Brasil o termo mais popular é o gibi. Nos Estados Unidos, essa franquia é conhecida como os *comics*, já na Itália, é chamada de *fumetti*. No Japão, é traduzido da palavra

manga. Citei esses países e como chamam as histórias em quadrinhos, porque são os principais produtores e consumidores dessa produção cultural. Principalmente os Estados Unidos e Japão, onde conseguem números expressivos superiores a revistas de grande circulação como a *TIME*, por exemplo.

Uma definição bastante coerente quanto a nossa pesquisa, é a de Mário Feijó, formado em História com Pós-graduação em jornalismo. Segundo Feijó:

[...] esse gênero é típico de massa. Isso significa que ele existe como uma forma de produção cultural organizado sobre bases industriais par conseguir atingir uma grande quantidade de leitores, sendo assimilado por esses como um produto de consumo habitual e também como uma referência cultural comum a milhares, às vezes milhões, de pessoas. (FEIJÓ, 1997 p. 10).

Já Will Eisner, que foi uma autoridade mundial em quadrinhos, define o gênero como uma forma de arte seqüencial, ou seja, uma seqüência de acontecimentos ilustrados. É uma narrativa visual que pode ou não usar textos, em balões ou em legendas.

Com a consolidação do capitalismo como modo de produção dominante do século XIX, surgia uma nova sociedade, agora com milhões de pessoas produtoras e consumidoras. A leitura entre essa classe era novidade e foi uma das principais causas que possibilitou a existência da cultura de massa, que segundo Mário Feijó (1997, p.12) surge como “uma cultura de lazer, de entretenimento, que busca o lucro e que depende de certas tecnologias para existir e poder alcançar o público”.

O pioneiro na produção de quadrinhos foi o professor suíço Rudolph Topffer na primeira metade do século XIX, o qual tinha como fã, nada mais nada menos que Goeth, um filósofo alemão. Mas a primeira história de quadrinhos sob as definições que trabalhamos anteriormente, foi em cinco de maio de 1895, com a publicação de *Yellow Kid*, criação do norte-americano Richard Outcault, que dava oficialmente, o início do gênero quadrinho publicado no periódico americano *New York World*.

Desde então, grandes jornais travavam lutas ferozes para publicar tiras mais populares, que ajudavam, e muito, as vendas dos jornais. Dessa disputa surgiram séries ícones dos quadrinhos como: Os Sobrinhos do Capitão, Gato Félix, Krazy Kat, entre outras. Apesar do estrondoso sucesso, é incrível perceber o aumento das críticas e preconceitos que os quadrinhos sofreram e sofrem até hoje.

Sob o pano de fundo da crise de 1929, a população americana ansiava por heróis, uma maneira de ter esperança em meio a um período conturbado dos Estados Unidos, onde as pessoas trabalhavam o dia inteiro por um prato de comida. É justamente sob essa época que os quadrinhos deixam de ser apenas caricato, e passa a ter um novo segmento, o de heróis e

histórias de ação que permeava as aventuras de grandes mitos como: Tarzan, Tin Tin e o lendário Fantasma.

Com esse segmento dos quadrinhos tomando a preferência dos leitores, não deu outra, acontece uma revolução na indústria de quadrinhos sendo conhecida hoje como a era de ouro dos quadrinhos, onde não ficam apenas nos jornais, mas tomam a forma como a conhecemos hoje. Nessa época que heróis mundialmente conhecidos como: *Superman*, *Batman* e Capitão América, foram criados e até usados para propaganda de guerra, com veremos adiante.

O gênero cresce, e cada vez mais vão aparecendo novos e incríveis heróis que vão quebrando recordes de vendas editoriais. Vão ganhando popularidade e invadindo outros segmentos como o rádio, televisão e cinema. No Japão, a ascensão é ainda maior, pois você pode encontrar os conhecidos *mangás* em quase todo lugar, inclusive no metrô. Tendo 40% da produção editorial do país, o Japão publica 13 revistas semanais, 10 quinzenais e 20 mensais, se tornando hoje o país de maior produção, exportação e consumo de quadrinhos do mundo.

Hoje tem quadrinhos para todos os gostos, idades, ideologias e etc. E além de ser um entretenimento, é uma arte que informa e divulga cultura dos mais variados gêneros, tendo influenciado gerações em todo mundo. É esse diálogo de influência entre a História e os quadrinhos que iremos discutir a seguir.

Se analisarmos bem as histórias de grandes heróis em quadrinhos, perceberemos o contexto histórico em que foram criadas e publicadas. Um grande exemplo disso é o *Superman*, que foi considerado por Goebbels (ministro da Propaganda Nazista) um perigoso inimigo para a propaganda alemã. Pois *Superman* era naturalmente a negação dos ideais nazistas. Por quê? Além de ter sido criado pelos **judeus** Jerry Siegel e Joe Schuster, o *Superman* é um extraterrestre que tem poderes inimagináveis a mente humana, mas apesar de ser extremamente poderoso, em vez de dominar a fraca raça humana, ele serve os mais fracos atuando como um protetor. Justamente o contrário do que divulgava a idéia nazista onde o mais forte tem que subjugar os mais fracos. Os nazistas se apropriaram das obras de Wagner e de Nietzsche, fazendo das suas próprias interpretações desses autores e de suas obras, as principais idéias nazistas. A idéia de dominação da raça ariana interpretada pelos alemães nos escritos de Nietzsche, se mostra na existência de um super-homem ou super povo, que existe entre os demais homens e que tem por direito governar sobre os demais por eles serem fracos e inferiores. Não era raro no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ver personagens como o próprio *Superman*, *Batman* e o Capitão América lutando contra nazistas e japoneses. Inclusive várias capas e pôsteres mostravam os heróis chutando o traseiro de Adolf Hitler. Essa era a propaganda antinazista liderada pelo governo americano. Essas publicações eram por vezes enviadas ao front de guerra para incentivar os soldados nas batalhas. Nessa época, nada de vilão com cara de demônio e

fantasias de cores berrantes, os vilões eram o próprio Hitler, desenhado com séria semelhança, e até mesmo o italiano Benito Mussoline e o imperador Hiroito, do Japão, que tomaram vez de vilões por serem aliados de guerra dos nazistas. Por isso e muito mais, o Homem de Aço foi proibido na Alemanha de Hitler. Sem contar o antagonismo que o termo super-homem apresentava, já que os alemães falavam de um super-homem dominando o homem.

Daí se percebe a História influenciando as histórias em quadrinhos e a utilização dos quadrinhos para influenciar e disseminar ideologias tais como o antinazismo. O Superman se tornou um símbolo de justiça e dos ideais americanos, seja pela maneira melodramática de seu personagem como altruísta, ou pelas cores de seu uniforme, o Superman se tornou a imagem dos Estados Unidos no exterior.

A Segunda Grande Guerra foi fonte de inspiração para vários artistas na área de quadrinhos, dessa idéia surge um personagem totalmente nacionalista que enfrenta os alemães e japoneses, era o Capitão América, criado em 1941 por Joe Simon e Jack Kirby. Capitão América foi um grande exemplo da utilização dos quadrinhos para fins políticos e ideológicos durante a Segunda Guerra Mundial, como relata Patati & Braga (2006, p.81): “Era propaganda, um trabalho “a quente”, e no caso deles, impecável. O Capitão América era um panfleto. E havia um imenso público para essa fórmula. Leitores que pouco depois se alistariam e combateriam numa guerra mundial. Um público a quem o Capitão faria companhia nas trincheiras.”.

Outro tema bastante abordado nos quadrinhos foi o preconceito, que apesar de estar em várias histórias de diversos personagens, teve sua maior revelação nas histórias dos X-Men (1963). Os X-Men são um grupo de mutantes, seres humanos em um grau evolutivo superior ao *Homo Sapiens Sapiens*, cuja mutação lhes conferem poderes incríveis tais como poder ler mentes ou disparar rajadas ópticas pelos os olhos. Por isso são taxados de monstros e caçados como animais. Os X-Men, além de aprenderem a conviver com essa diferença, lutam para proteger a humanidade de vários perigos, inclusive de outros mutantes que levam a sério a idéia que o mais forte deve dominar o mais fraco.

Dividido em basicamente duas facções, os mutantes lembram duas personalidades históricas e suas lutas por seus direitos. Os mutantes estão separados entre dois líderes e duas ideologias. De um lado nós temos o professor Charles Xavier que prega a união pacífica entre mutantes e humanos. Do outro lado temos Magneto (Eric Lansher), que propaga a idéia que os mutantes são a próxima cadeia evolutiva da raça humana e por isso devem dominar os humanos.

Respectivamente, eles lembram o Dr. Martin Luther King (1929-1968) e o Malcom X (1925-1965), que deixaram seus nomes na história dos Estados Unidos, na luta dos cidadãos negros pelos direitos civis. Enquanto Martin Luther King buscava isso por meios pacifistas, o radical Malcom X se assemelha à idéia do que faz Magneto. Ambos tiveram um fim trágico, foram

assassinados, e não puderam ver a mudança que se realizou naquilo que lutavam. E os quadrinhos ajudaram para que certas barreiras formadas pelo o preconceito fossem quebradas.

Como nos livros, revistas e cinema, as histórias em quadrinhos se apresentaram como uma ferramenta para registrar a História e contar de maneira realística, fatos que nos fazem parar e pensar.

A nona arte já fez isso com o fatídico 11 de setembro, onde heróis dos quadrinhos se misturam entre policiais e bombeiros na consternação e na luta por sobreviventes.

Outro grande exemplo de registro histórico através dos quadrinhos é *Hadashi no Gen* (Gen, Pés Descalços), um quadrinho japonês ambientado no Japão da segunda Guerra Mundial, retratando especificamente a tragédia que foi o bombardeio nuclear em Hiroshima. *Hadashi no Gen* é uma obra autobiográfica de Keji Nakazawa, publicada em 1972 e de grande sucesso de vendas até hoje. História essa que tem por objetivo levar uma reflexão sobre as penúrias que seu país sofreu durante a guerra.

Mais do que informação, ou uma leitura corriqueira, *Hadshi no Gen* tem sua importância pela mensagem que quer passar ao lembrar o quão triste foi o resultado da guerra para ambos os lados. Alfonso Moliné, grande pesquisador dos quadrinhos japoneses, ratifica a importância e o objetivo dessa obra:

Após mais um quarto de século de sua primeira publicação, *Hadashi no Gen* conserva, além do fato de ser um dos primeiros *mangás* publicados com sucesso fora do Japão, seu esclarecedor valor testemunhal sobre os horrores da guerra e da ameaça nuclear. Em suma: sobre um negro passado ainda demasiado recente com o firme desejo de que não volte a ocorrer. (MOLINÉ, 2004. Pg. 109)

As edições de *Hadashi no Gen* venderam mais de cinco milhões de exemplares, só no Japão. Foi transformado para desenho, filmes, peças teatrais e até uma ópera. Lançado em mais de dez países, *Hadashi no Gen* alcançou tanto sucesso que foi incluído em uma lista de livros recomendados para escolas públicas nos Estados Unidos.

Não apenas um quadrinho, mas um registro histórico que recebe influência na sua concepção e que influencia as gerações atuais com sua mensagem e inquietante sobre o que pode fazer a guerra.

Como percebemos, os quadrinhos têm um relacionamento íntimo com a História. Esses exemplos que citamos, são apenas alguns do quanto se pode fazer do diálogo entre a História e os quadrinhos. Pois podemos perceber a influência externa, seja ela política, ideológica ou de teor publicitário, na produção dos quadrinhos. E a sua utilização como veículo transformador, com o intuito de alcançar as massas, levando até elas suas idéias e conceitos. Quanto a essa observação deixamos de fora dessa análise, vários momentos registrados nos quadrinhos tais

como Leônidas e seus bravos trezentos soldados, ou então a biografia dos Bórgias, ou até mesmo acontecimentos recentes como os conflitos no Oriente Médio.

Um dos preconceitos que os quadrinhos quebraram ao longo de sua existência, é que se alegava que ler histórias em quadrinhos desestimulava a prática da leitura, pois além de ser um registro histórico, os quadrinhos são usados como ferramentas pedagógicas em escolas, universidades e seminários no mundo inteiro. A estética das revistas em quadrinhos, tanto quanto ao acabamento editorial quanto a arte dos desenhos e roteiros, tem evoluído de maneira significativa obtendo hoje até mesmo lojas especializadas em quadrinhos, e está na biblioteca de vários famosos intelectuais do mundo inteiro.

Não apenas um entretenimento, mas uma fonte de conhecimento e saber atrelado ao imaginário que trabalha com a consciência das pessoas para tirar delas o seu melhor. Quem nunca sonhou em ser um super-herói e fazer alguma coisa majestosa e incrível?

Quantas pessoas não iniciaram o hábito de ler livros por causa da tutela inicial dos quadrinhos? Se você nunca percebeu essas coisas, vá a uma banca de jornal e dê uma boa olhada na seção de quadrinhos, que com certeza você encontrará algo que goste.

E como dizia Monteiro Lobato: “uma nação se faz com homens e com livros”. Acho que com histórias em quadrinhos também.